



**GRUPO  
DIVULGAÇÃO**

**vereda  
da  
salvação**

**JORGE ANDRADE**

**FORUM DA CULTURA  
QUARTA A DOMINGO  
SETEMBRO NOVEMBRO  
\*\*\*\*\* 21 HORAS \*\*\*\*\***

**CENTRO DE ESTUDOS TEATRAIS**

**GRUPO DIVULGAÇÃO**

**apresenta**

**VEREDA DA SALVAÇÃO**

**de**

**Jorge Andrade**

**Espetáculo comemorativo dos 20 anos  
de criação do Forum da Cultura  
da Universidade Federal de Juiz de Fora**

**Setembro - Outubro - Novembro**

**- 1992 -**

## PANO DE FUNDO

*Maria Lúcia Campanha da Rocha Ribeiro*

O Teatro Brasileiro nos tumultuados anos sessenta apresenta, pelo menos, duas fases: uma primeira, herdeira de um processo de construção histórica que fez convergir cinema, teatro, música, artes plásticas na trajetória comum de fotografar a identidade do homem e da sociedade brasileiros. E uma segunda, em que sob o chicote da censura escavou brechas diferenciadas, mas ainda impregnadas do mesmo espírito de inquietação na sondagem da brasilidade.

O primeiro momento de que falamos corresponde às ressonâncias de conquistas anteriores, já constatáveis na literatura regionalista, na tomada de consciência poética da geração de 45, na libertação da bossa-nova dos espaços estreitos dos apartamentos para encontrar-se com a rua, com o bairro, com a favela. As ressonâncias internacionais vêm do neo-realismo inspirando o cinema novo e os compositores do morro são descobertos juntamente com Brecht, com Suassuna, enfim com uma diversidade que despontava como conciliação enriquecedora.

No campo específico do teatro, a profissionalização e a aquisição da qualidade já era uma conquista pacífica, graças, principalmente ao garimpo do TBC na formação de atores e técnicos teatrais. Os estrangeiros se abraçaram e não o inverso como era costumeiro.

Desta forma, a utilização das formas dramáticas, quer em shows de protesto, como os do *Opinião*, quer na invenção de formas novas desencavadas dos primórdios do teatro, como no *sistema coringa* do Grupo Arena de Teatro, ou mesmo nos incontáveis teatros universitários semeados por Paschoal Carlos Magno que culminariam nas técnicas teatrais utilizadas pelos próprios movimentos populares de cultura na UNE são exemplos patentes.

O fato é que o Brasil se descobre teatral e serve-se da riqueza de suas misérias para discutir, "conscientizar" (como se gostava de dizer) desde os problemas mais cotidianos, retirados das notícias dos jornais, até mergulhar nos subterrâneos mais profundos do indivíduo, como faz Nelson Rodrigues.

A dramaturgia rural justapõe-se pacificamente, numa organização de painel com a dramaturgia urbana. A linguagem do palco articula-se tanto nas invenções sofisticadas quanto nos expedientes criativos, construídos sobre a própria pobreza. Se havia poucas tábuas, havia muita paixão e muita urgência em mandar o recado.

Instituições (hoje) como o Teatro de Arena que rella os clássicos e instalava um Seminário de Dramaturgia; como o *Opinião*, espaço de encontro de intelectual com o popular ou mesmo como o *Oficina* que garimpava tanto os textos brasileiros de José Celso Martínez Corrêa quanto os grandes desafios do moderno teatro internacional, fazem parte do mesmo projeto de

dialogar com os entusiásticos e rebeldes contornos da realidade nacional de então.

Após o golpe de 64, entretanto, poderemos deparar com um sinuoso volteio que iria solidificar-se ainda mais à medida em que o garimpo precisava ser interrompido, exatamente quando se colhiam os frutos mais promissores. A metáfora toma o lugar da palavra direta e guerreira – e neste sentido a dramaturgia parece fortalecer-se esteticamente. A cenografia e todo o aparato cênico recebe, dos meios audiovisuais, influências diretas que ainda não são massificantes, mas oferecem uma ferramenta nova para escavar as brechas necessárias. Oswald de Andrade ressuscita de um silêncio de trinta anos e revela, finalmente, seu vigor crítico pelas mãos de José Celso Martinez Corrêa.

Jorge Andrade segue o filão da memória e reconstrói as bases sociológicas da criação de São Paulo e mostra os dramas rurais-urbanos, criando um espaço transitório em que a grande cidade – ainda longe de ser a megalópole de hoje – faz uma autêntica análise de si mesmo e convida as demais cidades a se pensarem a partir dos modelos humanos que traça.

Enquanto a Censura enche gavetas com textos emergentes, ainda saudosos daqueles tempos de militância guerrilheira e idealista, os censores procuravam Sófocles nos camarins do teatro, ainda foi possível uma resistência inteligente como a do espetáculo antológico **Liberdade, liberdade; O homem do princípio ao fim**, a dramaturgia visada, mas mesmo assim ainda possível do Plínio Marcos de **Dois perdidos em uma noite só**, ou de **Navalha na carne**. Era uma transição dolorosa, mas suficiente para a aprendizagem dos tempos escuros em que a dramaturgia brasileira sofrerá as maiores mutilações da história e cuja longa duração representará mais um corte difícil de ser cicatrizado.

Por outro lado a televisão amplia seus espaços seduzindo os espectadores recentemente conquistados, justamente porque encontravam no conjunto da cultura produzida um espaço de reflexão e esperança de mudar o curso da história que já viam desviada da delegação concedida momentaneamente.

O terrorismo, as atitudes agressivas e inexplicáveis, os desmandos e a prepotência já não sustentavam a infeliz metáfora de revolução gloriosa, sem sangue, democrática, com que se tentava tapar o sol com a peneira. Os gritos dos cárceres envolviam as consciências recém-nascidas. Os terríveis anos 70 já se anunciavam e o teatro sofre a pressão com o exílio de seus líderes, com a luta de Vianninha, de Guarnieri, de Jorge Andrade, de Dias Gomes, buscando na TV espaços para manterem acesa ainda que uma tímida chama sem a qual nenhuma resistência seria possível. A figuras como as de Vianninha e Paulo Pontes isto talvez tenha custado a vida. Mas manteve, também, de coração rasgado, mas pulsando, o teatro brasileiro.

## ENVEREDANDO PELOS CAMINHOS DE JORGE ANDRADE

Márcia Falabella

Para nós, seres insaciavelmente alimentados pelo espírito do teatro, existe um certo misticismo que nos faz crer na existência de alguma forma de vida que pulsa na invisibilidade do ato. Assim, nas dimensões teatrais, autores, atores e personagens recebem o dom da imortalidade, e cada nova encenação transforma-se numa grande festa cênica. Por isso, montar **Vereada da Salvação** significa reencontrar um velho amigo de outros tempos. Jorge Andrade.

Recentemente, num programa de TV era entrevistado o dramaturgo Lauro César Muniz. Conversa vai, conversa vem, o nome de Jorge Andrade é citado. Lauro e Jorge são filhos de terras diferentes, mas irmãos unidos por um mesmo rio que corta suas cidades, no estado de São Paulo, e amigos incondicionais de profissão. Porém, no auditório do programa, os olhares intrigados mostravam que poucos sabiam quem era esse tal Jorge Andrade.

A desinformação do povo brasileiro é um fenômeno estarrecedor, que só confirma a ausência de um sentido de tradição e de valores que inviabilizam a formação de raízes, minando as possibilidades de evoluirmos enquanto nação. Nunca necessitamos tanto de uma revisão desses valores, de uma renovação moral, de acreditarmos nessa cultura, tão subestimada, e na educação, hoje, tão violentada, como caminhos possíveis para vislumbrar as veredas do progresso; antídotos eficazes para eliminar a descrença, a desonestidade e a corrupção que fazem do Brasil um país doente.

Quem foi Jorge Andrade!?

De Aluizio Jorge Andrade Franco a Jorge Andrade foi um longo percurso, desde o seu nascimento em 21 de maio de 1922, na cidade de Barretos. Passou a infância e a adolescência preso à terra, na Fazenda de Coqueiros. Essa relação com o campo será definitiva em sua obra. Seus pais, Ignácio Lima Franco e Albertina Andrade Franco, que queriam ver o primogênito à frente dos negócios da família, não sabiam que os sentidos do filho estavam todos voltados para o mundo além daqueles horizontes.

Assim, em 1940, Jorge Andrade inicia em São Paulo o curso de Direito, que não conclui. Tenta a carreira militar na Escola de Cadetes de Fortaleza e permanece insatisfeito. Retorna à fazenda do pai. Esforço inútil, que só intensifica os conflitos com a figura paterna, realidade que também será transposta para sua ficção. O menino se tornou homem e precisava ser alguém na vida. O destino, então, resolveu que era sua hora de entrar em cena

A obra de Jorge Andrade é vista como um ciclo que se inicia com **As Confrarias**, sua penúltima peça. Nela, o autor critica os interesses pessoais de confrarias que não aceitam enterrar um ator, considerado um demônio. Marta, a mãe, luta até ao fim pelo direito de enterrar José, ligado ao movimento da Inconfidência Mineira. Marta representa a contestação às ordens vindas do Reino e que exploravam a colônia, ao culto ao passado e às convenções, além de ser outra figura feminina marcante, conduzida pela emoção mesclada à razão.

**Pedreira das Almas** também caracteriza a decadência e o fim do ciclo do ouro de **As Confrarias**. Situada em 1842, retrata o período da Revolução Liberal, com Gabriel representando o futuro da busca das riquezas vindas do ciclo do café, em contraste com Urbana, que não admite abandonar a cidade dos antepassados. Novamente o tema da morte sem sepultura é retomado. Mariana, filha de Urbana, insiste em proteger seu noivo, Gabriel, das autoridades. Como a heroína grega Antígona, Mariana também enfrenta o poder.

Em **A Moratória** e **O Telescópio**, Jorge Andrade focaliza a decadência da aristocracia rural cafeeira, juntamente com seus valores, sobretudo a deterioração dos laços familiares. Este é o tema de **O Telescópio**, onde os membros de uma família de ricos fazendeiros brigam pela herança do pai, ainda vivo. A decadência econômica começa a se fazer pressentir, num prenúncio à crise de 1929. É aqui que começa **A Moratória**, quando Quim perde a fazenda, e continua, três anos mais tarde, na tentativa de obter do Governo Federal a salvação da economia cafeeira. Mas nem assim a desagregação familiar é evitada e a decadência de uma classe é impedida. Quim não mudou, não aprendeu nada após esses anos, estagnado nos antigos valores.

**Vereda da Salvação**, baseada em fatos reais, altera o enfoque que incide, não mais nas altas classes, mas nos colonos. Ainda que importante no âmbito da economia, os trabalhadores rurais não têm grandes perspectivas e se entregam ao mundo do fanatismo como forma de libertação do que os oprime. Mas não conseguem perceber que este é um novo caminho de opressão. É assim que os agregados de uma fazenda renunciam ao poder de

Manoel, que representa a força material, para serem liderados por Joaquim, cuja fraqueza corporal é anulada frente ao fanatismo religioso. Através da ignorância desses homens do campo, a luta pelos direitos fica esquecida, e a salvação dirige-se ao sacrifício do corpo.

Apesar da frequência de temas rurais, Jorge Andrade também se dedicou ao urbano, como no caso de **A Senhora na Boca do Lixo**. Mas uma vez relata a decadência da aristocracia, na figura de Noêmia, uma mulher em difícil condição econômica que vive alienada da situação real. Saudosista, como muitas personagens andradeanas, vive no passado e prefere a França. Estando fora da realidade, faz contrabando de objetos através de viagens à Europa. Mas é presa pelo delegado Hélio, noivo de sua filha Camila, uma moça moderna que procura adaptar-se à nova situação. A partir daí desenvolve-se uma crítica às injustiças sociais, pela diferenciação de tratamento dos policiais conforme a classe social dos presos.

A decadência de uma classe ainda presa ao orgulho do passado e o confronto de gerações retornam em **A Escada** e **Os Ossos do Barão**, ainda ambientadas no urbano. Em **A Escada**, um casal de velhos, Antenor e Melica, continuam vivendo a realidade passada, em outro mundo, em que Jorge Andrade vê sob o tom da sátira, sem abandonar a simpatia humana. O cômico também está presente em **Os Ossos do Barão**, onde os aristocratas decadentes apoiam o casamento de sua filha com o filho de um rico imigrante italiano, ex-colono em uma das antigas fazendas da família. Esta peça, que revela um espírito cômico até então enrustido do autor, trata o tema abrindo-se para o período de industrialização e da ascensão dos imigrantes.

Após tantos textos centrados na coletividade, Jorge Andrade aproxima-se mais de seu "eu". Não somente fala da decadência de sua classe, mas, principalmente, do difícil relacionamento com seu pai, da busca de um entendimento maduro com a volta ao lar e às suas raízes. É **Rasto Atrás** que mostra essa realidade. Vicente, único filho de João José, não compartilha com o pai, caçador aventureiro, de seu ideal de vida. Prefere ler, ouvir música, escrever poesias. Mas os conflitos estão sempre presentes, até que Vicente, aos 23 anos, decide sair de casa, indo para um grande centro, onde torna-se um famoso dramaturgo. Anos mais tarde, volta para recuperar

seu passado junto ao pai, para se descobrir um caçador de palavras, um "fazendeiro do ar".

A personagem Vicente é retomada em sua última peça, **O Sumidouro**, em que o dramaturgo narra a história de Fernão Dias Paes, o bandeirante que precisa condenar um filho bastardo, o mameluco José Dias, por obrigação do cargo. Os desencontros com o pai são revividos, pois José Dias não concorda com a lealdade de Fernão à Coroa, prevendo as consequências dos feitos destas à Colônia. Um assunto do passado é refletido e examinado a partir da atualidade pelo dramaturgo, desmistificando a grandeza dos feitos dos bandeirantes. Pai e filho buscam os mesmos ideais, mas estão distantes, à procura de uma realidade mais humana.

Uma dramaturgia brasileira com uma linguagem brasileira, eis o que revela a obra de Jorge Andrade. Desprendido de modismos, ele utiliza variadas formas de realismo, como os recursos expressionistas e simbólicos, e renova as estruturas épicas do teatro brechtiano. Seu diálogo é forte e reproduz o **status** social das personagens. Personagens estas que vai buscar na memória familiar, no mundo que está dentro dele, com suas dores e alegrias.

\* \* \*

## TEMPO SEM SALVAÇÃO

José Luiz Ribeiro

Grandes autores escreveram seus textos teatrais a partir de recortes de jornais. Os conflitos sociais se mostram ricos para motivar o debate entre a sociedade injusta e o grupo social injustiçado por ela.

Jorge Andrade tem lugar assegurado na história do teatro brasileiro por um trabalho de alta significação dentro da dramaturgia. **VEREDA DA SALVAÇÃO** é uma obra irretocável que tem origem em acontecimentos reais noticiados em jornais.

Escrita há 30 anos, retratando um acontecimento na localidade de Catulé, em Minas Gerais, a transcrição dramática do fato ganha contornos épicos, jogando a dura realidade para um plano mítico.

Um grupo de agregados de uma fazenda, pressionado pela fome, miséria e privação, abraça a crença de uma seita chamada **ADVENTO DA PROMESSA**. Fartos da carência da terra, preparam-se para uma grande viagem rumo ao paraíso. O predomínio do misticismo mostra uma balança que se desloca do profano para o sagrado.

Estruturada em dois atos, a peça mostra a luta entre personagens fortes, forjados na terra e presos ao cotidiano e personagens fracos que não conseguem lavrar a terra. O primeiro ato se passa diante das leis da terra, onde os valores se alimentam de leis da sobrevivência. A força do líder, representado por Manoel, está na garantia de conseguir as terras da fazenda para cultivo pelos agregados. É tempo do cotidiano, da realidade dura, do trabalho como valor do homem. Nesta dimensão a natureza é forte e dita as leis, comportamentos e ética.

No segundo ato, após a ruptura feita por Joaquim, no final do primeiro ato, instaura-se o tempo do mito. O trabalho perde seu valor e o conteúdo dos bens materiais cede lugar ao espaço do milagre. Os símbolos se revestem de grande religiosidade e o cotidiano perde seu valor, diante do carisma da palavra de Deus assumida por Joaquim ao receber o **selamento** do Espírito Santo. Os agregados passam por um período de jejum; o milho apodrece nos montes e a espera de que as nuvens se abram ao amanhecer, para receber a família de Deus, é o grande objetivo destes novos apóstolos.

A grande batalha se trava entre o racional e o sensorial. Não existe mais o medo. O terror de ter perdido tudo gera uma confiança cega de que nada mais possa ser pior. A fé garante a nova caminhada, ainda que enfrentando as balas da polícia. A libertação vem de Deus e só ele pode livrar os homens desta **possança**.

Jorge Andrade está sendo revisitado nesta montagem de **VEREDA DA SALVAÇÃO**; o Grupo Divulgação já encenou, anteriormente, **Pedreira**

das Almas e Rasto atrás e, agora, fecha o ciclo com mais um texto deste significativo autor.

A montagem parte do despojamento como unidade estética da encenação. O modelo da montagem do TBC, dirigido por Antunes Filho, dentro da linha realista está sendo, hoje, substituído por uma opção pelo ambientalismo. Como em nossa montagem de Pedreira das almas, a platéia também é o espaço do espetáculo. O clima de religiosidade busca envolver o espectador numa experiência de integração palco e platéia.

O desenho vazado dos casebres se recortando no vazio. A cruz ocupando o centro da cena e a coroa de flores se projetando na platéia estabelecem os recursos mínimos para a comunicação visual simbólica. Neste ambiente despojado sobre a sugestão das três entradas da encenação grega.

O figurino busca raízes no naturalismo, mas se liberta de detalhes e conforma o grupo social. A interpretação dos atores passa por uma emoção profunda, mas permite o distanciamento crítico.

A música busca o clima de religiosidade e, em alguns casos, liberta-se, para cair na dimensão poética. Como os personagens de Jorge Andrade, que vivem envolvidos no cotidiano e partem em direção a uma reflexão poética. Esta é a marca dos textos deste autor paulista: a dimensão do humano que esbarra na poesia.

A montagem obedece ao clima dramático e, por vezes permeado de poesia, destas vidas que, saindo do real, precipitam-se numa grande aventura em direção a um mundo novo. O texto fala da carência do ser humano, mas não só da carência de bens materiais; fala também da solidão e da necessidade de amor.

É assustador saber que este texto, escrito há 30 anos, continue de extrema atualidade. No momento em que crianças continuam a ser sacrificadas em ritos macabros, vemos escancarar a garganta da miséria e da ignorância. Notamos, ainda, como o poder governamental continua falso, corrupto e ineficiente, ao negar educação a um povo carente.

VEREDA DA SALVAÇÃO é uma advertência por um Brasil que clama por justiça e igualdade. Ela mostra que o desespero pode levar a derramamento de sangue. Mostra que o preço da ignorância pode ser alto demais e chama a atenção para que o que está acontecendo no palco está, também, nas folhas dos jornais, isto é, na vida social do país.

\* \* \* \*

## UM CAMINHO ABERTO PELA PAIXÃO

Tarsila Campanha da Rocha Ribeiro

Eram os anos sessenta e os estudantes varavam noites lendo Neruda, Lorca, Drummond e debatendo as Idéias de Sartre. Tempo em que a capacidade intelectual destes estudantes era requisitada em todos os campos. Foi então que um grupo de amigos abdicou de suas manhãs de domingo para, trancados na sala do Diretório Acadêmico Tristão Athayde, da FAFILE (Faculdade de Filosofia e Letras), estudar teatro. Nasceu, pois, o Centro de Estudos Teatrais.

Inicialmente sem nenhuma pretensão de um dia subir em um palco para a encenação de algum espetáculo, estes estudantes tentaram, em pouco tempo, mas com muita força de vontade, assimilar um pouco de toda a história do teatro, acumulada durante séculos de existência. Com muitos cursos, leituras, seminários, observação de espetáculos e muitos debates foi-se, aos poucos, alcançando parte desse objetivo.

O primeiro convite para uma apresentação veio na Semana do Latcista, promovida pelo Instituto Cândido Tostes, em 1966. Nasce o Grupo Divulgação. Tomando emprestado versos de Neruda, Drummond, Cecília, Vinícius e Lorca (nomeado padrinho do grupo), os estudantes pisaram pela primeira vez em um palco, com o espetáculo Amor em verso e canção.

Um grito vindo dos versos de Thiago de Mello serviu de alerta para que o grupo encontrasse forças e se conscientizasse de que ele queria entoar sua ciranda para acordar os homens e adormecer as crianças:

*"pois os homens,  
embora se façam de fortes,  
se façam de grandes,  
no fundo carecem  
de aurora e de infância."*

Desde então assumiu-se um compromisso que se considerava importante e que se tem conseguido cumprir até hoje: divulgar o teatro e a poesia entre todas as camadas da população juizforana, pondo por terra a afirmação de que teatro é coisa de elite.

Os anos setenta trouxeram para o grupo uma expansão nacional e um encontro que, mais tarde, iria mudar seus caminhos. Na platéia de Maria Stuart, de Schiller, estava Paschoal Carlos Magno, um importantíssimo nome do teatro nacional e que nos abriu as portas dos festivais.

O até então desabrigado Grupo Divulgação, ganhou, junto com as demais entidades culturais da época, um espaço no Fórum da Cultura, inaugurado em 1972. Com isso intensificaram-se os trabalhos, as temporadas e os cursos.

Os primeiros grandes sustos vieram com o espetáculo A Morta, de Oswald de Andrade – o mesmo que havia inaugurado o Fórum da Cultura – que rendeu ao grupo o prêmio de Melhor Espetáculo no Festival do Sesqui-

centenário da Independência, em Niterói, e com os prêmios recebidos no Festival Guanabara, no Rio de Janeiro, promovido pela ATA, com **Cancioneiro de Lampião**. Estes foram apenas alguns dos diversos prêmios que iriam marcar a década de setenta. O inesquecível FENATA, no Paraná, foi porém a maior surpresa; o Divulgação trouxe para Juiz de Fora oito dos nove prêmios concedidos.

E, em 1974, a Barca da Cultura serviu para que o Grupo reforçasse a consciência da importância de um teatro voltado para as comunidades mais carentes. Tomando emprestado as Igrejas e as ruas, a "Barca dos Sonhos", como era chamada, levou para mais de quarenta cidades da margem do Rio São Francisco e do sertão nordestino, muito teatro, ballet e música.

Os anos oitenta marcaram um período de renovação, porém não se esquecendo do compromisso com as comunidades de bairros e escolas, agora intensificado e aliado às exigências de qualidade de texto e pesquisa através do espetáculo. O trabalho cresce e o Divulgação impõe-se com a realização de três montagens anuais, sendo duas dedicadas a seu público adulto e uma ao infante-juvenil. Além disto são oferecidos, anualmente, dois cursos de Introdução ao Teatro para a formação de atores com aulas de história do teatro, oficinas de corpo, voz, improviso e laboratórios para a confecção de adereços, figurinos e cenários.

Mais uma vez Pirandello, que já havia concedido os prêmios no FENATA, dá ao grupo um susto gostoso. Com o espetáculo *Esta noite se improvisa*, vencemos o Festival de Teatro Amador de São José do Rio Preto, apresentamo-nos em São Paulo, no SESC - Anchieta e fomos indicados pela crítica especializada como um dos dez melhores espetáculos do ano no eixo Rio - São Paulo, incluídas as montagens profissionais dos grandes centros.

Com muitas vitórias e injustiças, o Divulgação tenta trilhar seu caminho, mostrando a Juiz de Fora, com seu repertório, a história do teatro. Por isso montamos Sófocles, Shakespeare, Tchekhov, Goethe, Schiller, Lorca, Naum Alves de Souza, Oswald de Andrade, Molière, Nelson Rodrigues, Jorge Andrade e muitos outros dramaturgos de igual importância. Com textos criados por José Luiz Ribeiro, tentamos contar a história de nossa cidade e de nosso país.

Chegando a vinte e seis anos de trabalhos ininterruptos e mais de setenta montagens, entre peças infantis e para adultos, o Grupo Divulgação vem lutando, atravessando momentos difíceis, vencendo obstáculos, mas sempre acreditando nas palavras de um dramaturgo espanhol que afirmou, certa vez, que para se fazer teatro é preciso um tablado e uma paixão, pois:

*"se derrubarem as paredes do templo, restará o templo;  
se sobrar uma única vida, ainda assim existirá o templo;  
se esta vida for ceifada, restará uma paixão e com uma  
paixão se constrói muitos tablados."*

## TEMPOS DE LUZ

Augusto França

Tempo, tanto tempo! De amor, de luzes, tempo de união e desavenças. Paixão, uma sala e muita vontade de espalhar palavras, soltar versos ao ar como flechas de emoção miradas nos corações de pessoas simples, mas capazes de se emocionar com a fragilidade de poemas, sons emitidos por bocas ávidas, bocas, mentes e corações carentes de verbos, de gestos. A vontade de divulgar sons, movimentos, pausas. A beleza de divulgar poemas. Divulgar! Isto gerou tempo, vinte e seis anos de um tempo chamado Divulgação.

Meu Deus! Esse povo é místico. Nenhuma emoção é contida sob as luzes de um palco, não pode. Nada pode pará-lo! A ditadura calou-se diante dos tambores de seus corações, a faixa colocada na boca do ator era mais forte que os cães que ameaçavam as ruas da cidade. Sempre foi um tempo de luta. deal! Apolo, Dionísio, ou quem quer que esteja por cima de nós, por que é que os homens não mais lutam por ideais?

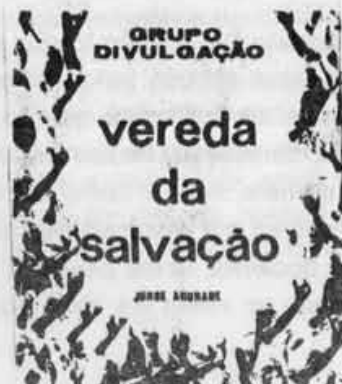
Por favor, senhores, desculpem-os. Não são pessoas normais, perdem suas vidas entre quatro paredes em meio a roupas velhas, enrolam-se em fios das vidas de tantas outras pessoas. Pra quê? Pra que meu Deus? Por meros ecos de mãos ansiosas em despertar emoções? Talvez. Por vocês? Sim, pelos senhores, por uma sociedade sem vendas, de olhos bem abertos. Este é o caminho do teatro para essas pessoas. Não me perguntem por que, mas são assim, sem sentido pras maldades. Nem sempre estão em paz, mas continuam lutando, como cegos em meio a uma tempestade. **Theatron**, do grego: lugar de onde se vê. Teatro, da vida: lugar onde se vê. O mundo passa em nossa frente como uma bola de ar, cheia de magia e emoção, quem não é capaz de chorar frente à mãe que perde o filho em uma guerra, quem não é capaz de rir diante do bufão da corte de um rei gordo e mal vestido.

Este tempo chamado Divulgação traduz emoções que não podem ser descritas por palavras, mas apenas pelos olhos de espectadores simples, pessoas humildes, quase tão ingênuas quanto os senhores. E isto é luta, amor, dedicação, muita dedicação. Posso estar lhes dando uma visão um tanto quanto purista demais, mas é como os vejo, por dentro. A vida traz imagens que apenas podem ser manipuladas no teatro, um mundo onde o real deixa lugar para o ficcional. Estas pessoas vivem embriagadas pelo espírito milenar de Dionísio, o vinho na alma embriaga o espectador e leva

mentes ao caminho da loucura, corról o gelo de corações despreparados e molda personagens que perduram por toda vida. As mãos não mais podem ser cruzadas, as palavras enrolam-se na boca, a caneta risca desesperadamente o papel e o coração ... Ah! Este quase sobe à boca para poder descrever a loucura da vida de quem faz parte desta família. Sim, todos pertencem a uma mesma trupe, cada qual em sua geração mas com a selva do teatro correndo forte nas veias.

Senhores, peço-lhes desculpas, descobri que estou entre estes, sou um deles. É assim que tem que ser. É assim que vamos ficar, com nossas vidas, com a vida de tantas outras pessoas, pois foi aqui que deixamos nosso suor, foi por isso que lutamos, por este ar. Se pensamos que somos deuses, lavradores ou operários, que seja assim! Essa alegria ninguém nos pode tirar. É assim que vivemos, e é assim que morreremos.

\* \* \* \*



## O DIVULGAÇÃO E O PÚBLICO

O melhor grupo de teatro onde procuram fazer peças sempre voltadas para a atualidade brasileira. Os problemas da sociedade são muito bem enfocados.

(Derli Arcanjo, Auxiliar de Escritório - Eldorado)

Ótimo grupo teatral. Como o próprio nome diz: Divulgação cumpre fielmente seu ideal, divulgar a arte.

(Ana Cláudia B. C. Pires, Operadora - Granbery)

Excelente. Importantíssimo dentro do contexto cultural de nossa cidade.

(Mary Rose Ferreira, Professora - Mundo Novo)

Ótimo nível, apresentando sempre bons espetáculos, capacidade de adaptar textos tradicionais ao presente que ora vivenciamos.

(Shirley Brigato, Dentista - Centro)

Grupo teatral que leva a cultura erudita às diversas camadas da sociedade. Belíssimo trabalho!

(Maria Cristina Lemonge, Professora - São Bernardo)

O grupo trabalha com muita seriedade, elaborando peças que agradam muito à comunidade.

(Mariza Pires, Funcionária Pública - Centro)

É inegável a importância do grupo para Juiz de Fora.

(Ludmila Lima, Estudante - Centro)

Um grupo que vem atuando de forma extraordinária na cidade, levando o público infantil e adulto a apreciar a arte como cultura e divertimento.

(Maria Angela da Silva, Professora - Costa Carvalho)

Seriedade, profissionalismo, organização são quesitos importantes que permitem ao grupo sobreviver através de anos. Parabéns.

(Sebastião Gomes, Professor - São Pedro)

É um grupo que tem muito a oferecer e que sabe realmente transmitir o que acredita.

(Aleska Miranda, Estudante - Centro)

Admiro o trabalho e a persistência frente às dificuldades de produzir cultura neste país.

(Soraia da Silva, Nutricionista - Manoel Honório)

É um excelente grupo de teatro amador com nível profissional.

(Eunice Maria, Professora - Morro da Glória)

Ótimo, idealista, só assim com este ideal sobrevive o teatro no Brasil, onde poucos se interessam pela cultura.

(Ana Cecília Pacheco, Professora - Centro)

Muito bom. Atores que mostram seu trabalho com amor e respeito ao público. Parabéns!

(Cintia de Lana, Estudante - Cerâmica)

Acho o trabalho do grupo ótimo. É um grande orgulho para Juiz de Fora.

(Giovanna Lopardi, Farmacêutica - Santa Helena)

Com a falta de recursos culturais brasileiros, eu admiro o grupo, pois, consegue ainda nos trazer um bom teatro.

(Stael Mara Braga, Secretária - Centro)

É a expressão maior, viva e forte do teatro em Juiz de Fora, que consegue sempre sobreviver às dificuldades e ao tempo, trazendo sempre um trabalho belíssimo.

(Fabiano Moreira, Estudante - São Mateus)

Fazendo a história do teatro em Juiz de Fora, o grupo desenvolve um trabalho sério, promovendo a cultura local e geral, marcando seu estilo.

(Delma Pimentel - Centro)

Um grupo que honra Juiz de Fora pelo seu trabalho sério e muito profissional, não ficando a dever nada a grupo de centros maiores.

(Lucinia Altomar, Contadora - Jardim Glória)

\* \* \*

## CENTRO DE ESTUDOS TEATRAIS

### Grupo Divulgação

apresenta

## VEREDA DA SILVAÇÃO

de Jorge Andrade

Joaquim

Dolor

Manoel

Ana

Geraldo

Onofre

Artuliana

Durvalina

Conceição

Germana

Pedro

Daluz

Jovina

Eva

Homem

Mulher

Sonotécnica

Iluminotécnica

Apolo

Figurino

Fotografia

Cenografia, Trilha e

Direção

Augusto França

Marise Mendes

José Luiz

Tarsila Ribeiro

Cristiano Saggiaro

Alexandre Martins

Luciana Vaz de Mello

Adriana Malvaccini

Fátima Amorim

Márcia Falabella

Luís Roberto Venâncio

Débora de Paula

Gabriela Gervason

Patrícia Blage

Claudinei Pereira

Edna Cannobletti

Sirlene Magalhães

Fabiana Braga

Virgínia Fonseca, Pedro Chicri, Danielle Teixeira e

Renata Vargas

Malu Rocha Ribeiro

Augusto França

José Luiz Ribeiro

## GRUPO DIVULGAÇÃO

espetáculos apresentados

## ESPETÁCULOS ANTOLÓGICOS

amor em verso e canção

o homem do século XX

antologia da mulher

amor em verso e canção II

nosso amor em verso e canção

## DEPARTAMENTO DE TEATRO INFANTIL

a onça de asas

circo de bonecos

história de lenços e ventos

nem tudo está azul no país azul

guairaká

o embarque de noé

d. baratinha

a gema do ovo da ema

a colcha do gigante

girassinho

putz, a menina que buscava o sol

a noite dos duendes

bem do seu tamanho

sonho pirata

passa passa assombração

d. chicote mula-manca

o rouxinol do pescador

o caju encantado

walmyr ayala

oscar von pfuhl

ilo krugli

gabriela rabelo

osé luiz ribeiro

maria clara machado

osé luiz ribeiro

sylvia orthoff

zuleika mello

osé luiz ribeiro

maria helena kühner

osé luiz ribeiro

ana maria machado

lilliana neves

osé luiz ribeiro

oscar von pfuhl

osé luiz ribeiro

paula schmidt

## GRUPO DIVULGAÇÃO OUTROS ESPETÁCULOS

|  |                   |
|--|-------------------|
| cancioneiro de lampião                 | nerthan macêdo    |
| o urso                                 | anton tchekhov    |
| bodas de sangue                        | garcía lorca      |
| electra                                | sófocles          |
| diário de um louco                     | nicolai gogol     |
| pequenos burgueses                     | máximo górkí      |
| a visita da velha senhora              | dürrematt         |
| escola de mulheres                     | molière           |
| escurial                               | ghelderode        |
| romanceiro da inconfidência            | cecília meireles  |
| maria stuart                           | schiller          |
| a morta                                | oswald de andrade |
| o patinho torto                        | coelho netto      |
| yerma                                  | garcía lorca      |
| seis personagens a procura de um autor | pirandello        |
| as criadas                             | jean genet        |
| arlequim servidor de dois amos         | carlo goldoni     |
| calígula                               | albert camus      |
| guerra mais ou menos santa             | mário brasini     |
| pedreira da almas                      | jorge andrade     |
| só o faraó tem alma                    | silveira sampaio  |
| o beijo no asfalto                     | nelson rodrigues  |
| mais que papel seu bacharel            | josé luiz ribeiro |
| o estado de sítio                      | albert camus      |
| boca do inferno                        | maquiavel         |
| o rei da vela                          | oswald de andrade |

como se fazia um deputado  
dr. getúlio, sua vida e sua glória  
o jardim das cerejeiras  
esta noite se improvisa  
o Inspetor geral  
fausto  
girança  
a casa de bernarda alba  
grito mudo  
as aventuras do tio patinhas  
a aurora da minha vida  
canga  
o mercador de veneza  
o santo milagroso  
rasto atrás  
era sempre 1º de abril  
todomundo  
édipo-rei  
o burguês fidalgo  
vereda da salvação

## ESPETÁCULOS DIDÁTICOS

|                             |                             |
|-----------------------------|-----------------------------|
| morte e vida severina       | joão cabral de mello neto   |
| coral universitário         | josé luiz ribeiro (texto)   |
| belmiro, murilo, pedro nava | josé luiz ribeiro (colagem) |
| camões                      | josé luiz ribeiro (seleção) |
| a menina casadoira          | eugène lonesco              |
| pic-nic no front            | arrabal                     |
| sganarello                  | molière                     |
| lição de molière            | josé luiz ribeiro           |
| farsa de mestre pathelin    | anônimo medieval            |
| manuel bandeira, do brasil  | malu ribeiro                |

frança júnior  
dias gomes e ferreira gullar  
anton tchekhov  
pirandello  
nicolai gogol  
goethe  
josé luiz ribeiro  
garcía lorca  
josé luiz ribeiro  
augusto boal  
naum alves de souza  
josé luiz ribeiro  
william shakespeare  
lauro César muniz  
jorge andrade  
josé luiz ribeiro  
josé luiz ribeiro  
sófocles  
molière  
jorge andrade

**AGRADECIMENTOS:**

***Prof. José Passini***

**Magnífico Reitor da UFJF**

***Prof. Mario Roberto Lobuglio Zagari***

**DD. Pró-Reitor de Assuntos Comunitários**

***Prof. José Eustáquio Romão***

**DD. Pró-Reitor de Ensino e Pesquisa**

***Funcionários do Fórum da Cultura***

***Funcionários da Imprensa Universitária da UFJF***

***Aos que, durante estes 26 anos, perceberam que o teatro é expressão de cidadania e de resistência.***

***Aos profissionais dos Meios de Comunicação que acreditam que:***

***"Mede-se a cultura de um povo pelo seu teatro."***

**GARCÍA LORCA**